TL4015-6

VII JORNADAS DE TIMOR DA UNIVERSIDADE DO PORTO

BETE MENDES

LIBERTAR TIMOR LESTE E APOIAR A DEMOCRATIZAÇÃO DA INDONÉSIA, DUAS RESPONSABILIDADES INTERNACIONAIS

Ao ser convidada a participar das VIIs Jornadas de Timor da Universidade do Porto, ao mesmo tempo que me senti honrada em poder estar presente a tão imprescindível debate em defesa da democracia, em Timor Leste e na Indonésia, senti o quanto a distância geográfica, somada à puca comunicação que temos com os povos timorense e indonésio nos deixa ausentes de uma participação mais direta no que nos importa: a democrtatização do mundo em que vivemos, com o respeito à identidade de cada povo, e consequente troca de conhecimento, para o que cada cidadão, por intuição, deseja para si e seus próximos, desde a família, até a organização da sociedade em que vive, com paz e diálogo.

E senti o quanto nós, artistas, sem desconsiderar qualquer outro segmento da sociedade em que vivemos, temos a exata noção do quanto os governos autoritários impedem e destroem a capacidade natural do ser humano em dialogar, se fazer entender, crescer, sempre respeitando as diferenças que advém deste crescimento e entendendo que as divergências, quando tratadas com respeito e honestidade, são benéficas para este crescimento individual e coletivo.

Pode parecer primário o que estou dizendo, mas só consigo entender que para combater as atrocidades das quais tomamos conhecimento, praticadas pelo mesmo ser humano, temos de alertar para os valores universais que aprendemos em casa, na escola, na religião que professamos, e que nos alicerçam para enfrentarmos a vida com honra, altivez, orgulho e amor, por nós mesmos e pelo próximo.

É evidente que neste mundo globalizado de hoje, com a velocidade da comunicação que, além de nos informar, pode trilhar o perigoso caminho de inventar ou distorcer valores, não me atenho a razões explicitadas com empáfia por aqueles que só veem no resultado imediato de suas aspirações particulares, sejam eles os donos do poder, pela riqueza, ou os que dtém o poder pela força, acreditando ser esta a única maneira de impor sua vontade sobre os demais, não importa qual seja este número de pessoas, ou que métodos sejam utilizados para esta vontade particular se obedecida.

Lembro-me, quando recebemos o Professor Ramos Horta no Rio de Janeiro, no ano passado, de nossa admiração, respeito e choque pelo que ele nos relatou, a nós, um grupo de artistas, que ouvimos um dos dois ganhadores do Prêmio Nobel da Paz, emocionados e tocados pelo que sofre este povo do qual tínhamos remota notícia, e que tem, como nós, a língua portuguesa.

À pergunta que ficou em cada uma de nossas mentes, antes até da imediata solidariedade à população que estávamos conhecendo um pouco mais, infelizmente, não por sua riqueza cultural, por sua busca de intercâmbio e diálogo, mas pela dor, sofrimento e desespero com o que vem sofrendo desde a invasão de sua Nação, foi como no final do século XX e final de um milênio da história da humanidade haja este tipo de selvageria praticada contra seres humanos, com a apatia de outros seres humanos ou, o que é pior, com a anuência revelada ou sutil, daqueles a quem interessa somente o poder, gerado pela prisão, tortura e morte de seus semelhantes, os seres humanos.

A angústia que toma conta de cada um de nós, quando se depara com esta catástrofe, é somada a um sentimento de temor e impotência. Tristemente.

Porém, e aí volto a me referir aos valores universais que não só apreendemos em nossa vida, mas também são defendidos por organismos em todo o mundo, é nosso dever lutar, contribuir de alguma maneira, para estancar este cruel estado de violência.

Com as informações que fomos adquirindo sobre o sofrimento do povo timorense, percebemos que há também no povo indonésio insatisfação e temor pelo que veem a seu lado e acredito que, além de sermos irmãos na raça humana, temos de nos fortificar e aliar a quem está ideológicamente propondo a mesma liberdade, fraternidade e igualdade que nós.

Quando nós, artistas, olhamos para a história, e a citação anterior é proposital, não é demais relembrar um conceito que pode ter se banalizado, ou até mesmo ter sido considerado romântico e ultrapassado, pois no milênio que se encerra faz só 200 anos que se compreendeu este valor.

Ainda voltando na história, desta vez mais recente nós, cidadãos artistas brasileiros e latino-americanos, passamos por sofrimentos que não desejamos a nenhum povo, as ditaduras militares, e é bom ressaltar a brasileira, em 1 964. Afora as perseguições, prisões, torturas e mortes, tivemos um corte brutal no conhecimento, pesquisa, educação e cultura, onde professores, pesquisadores, escritores, músicos, artistas de um modo geral, além de jornalstas, cientistas e outros representantes do segmento que pensa e busca evolução, tiveram de se refugiar em outros países, ou se reprimir em sua criação, para não serem perseguidos pelos que se impunham pelas leis do silêncio e punição.

O mundo acabou conhecendo talentos especiais. E stes seres humanos perderam sua paz, mas a sociedade brasileira perdeu muito mais, pois lhe foi negado o desenvolvimento , fruto de debate, multiplicidade de obras artísticas e opiniões .

Hoje, as gerações que felizmente não sofreram esta realidade se espantam quando lhes é relatado o que ocorreu há pouco em sua terra natal. E ficamos felizes que estes jovens se espantem. É melhor a surpresa em conhecer a dura história que não se vivenciou, até para compreender problemas que, infelizmente, ainda hoje , outros jovens e seres de outras gerações ainda sofrem no Brasil, como a questão da terra, do desemprego, da saúde e educação públicas, do que também eles terem passado pelo período do terror.

Desta maneira bem pessoal e singela é que entendo a libertação do Timor Leste e o apoiamento à democratização da Indonésia como duas responsabilidades internacionais.

Detenho-me na área cultural e me lembro que, ao recebermos o Professor Ramos Horta, surgiram várias idéias, mas ganhou força, para principiarmos um movimento no Rio de Janeiro e em outras capitais brasileiras, a possibilidade de se projetar filmes que, não só ajudariam a divulgar a questão do Timor Leste, mas serviriam como embrião para a sociedade brasileira de informação sobre a questão indonésia. Recordo-me de três filmes citados, um de John Pilger, intitulado Death of a Nation, outro intitulado Conspirance of Silence, de Max Stahl, sobre o ,Bispo Dom Ximenes Belo, o segundo ganhador do prêmio Nobel da Paz, e o terceiro, um documentário de 12 de novembro de 1 991 da TV News, sobre o massacre no cemitério de Santa Cruz.

Embora tenhamos feito contatos para possibilitar a exibição, acompanhada de divulgação e debates, enquanto Frei João Xerri fazia contatos para possibilitar a chegada dos filmes ao Brasil, até agora não tivemso sucesso.

Acredito, como disse anteriormente, que seja um caminho oportuno insistirmos nestas exibições, não só para contribuir na divulgação e luta pela defesa de Timor Leste, mas também para aproximar nossos povos irmãos.

Finalizo deixando bem claro que foi de importância principal termos tido a honra de receber em terra brasileira o Professor Ramos Horta.

Bete Mendes

BETE MENDES-ATRIZ